

Canadian Museum for Human Rights: Uma oportunidade para o aprendizado de ética

Iris Selene Conrado¹

Universidade de Winnipeg, Canadá

Dália Melissa Conrado

Nei Nunes-Neto

Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

INCT – INTREE, CNPq - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução, Brasil

André Geraldo Berezuk

Universidade de Manitoba, Canadá

Universidade de Winnipeg, Canadá

Elisangela Matias Miranda

Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

RESUMO

Diante das dificuldades e dos desafios para a promoção da humanização no contexto educacional, podemos perceber a relevância de espaços educativos não formais, como museus, já que possuem o potencial de sensibilizar e aprofundar a formação integral do cidadão, por meio de uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar dos conteúdos escolares. Neste trabalho, objetivamos a apresentação do único museu de direitos humanos do Canadá, e apresentamos, a partir de uma pesquisa qualitativa, descritiva e interpretativa, como determinadas estratégias e atividades podem ser aproveitadas para ensinar ética, sobretudo no contexto educacional brasileiro. Por fim, discutimos características desse museu que contribuem para a melhoria da qualidade da educação, visando a formação de sujeitos capazes de agir em prol de maior sustentabilidade e justiça socioambiental.

Palavras-chave: Educação não-formal; Ensino de ética; Humanização; Técnicas de ensino; Educação em museus.

ABSTRACT

Considering the difficulties and challenges in promoting humanization in the educational context, we can see the relevance of non-formal educational spaces, such as museums, since they have the potential to raise awareness and deepen the integral formation of citizens, through an interdisciplinary and transdisciplinary approach to school content. In this paper, we aim to present the only human rights museum in Canada, discussing, based on qualitative, descriptive and interpretive research, how certain strategies and activities can be used to teach ethics, especially in the Brazilian educational context. Finally, we discuss characteristics of this museum that contribute to enhancing the quality of education, aiming to form individuals capable of acting towards greater sustainability and socio-environmental justice.

Keywords: Non-formal education; Ethics teaching; Humanization; Teaching techniques; Education in museums.

¹ Endereço de contacto: iriselene@gmail.com

1. Introdução

Em uma perspetiva que ultrapassa a simples função de exibir objetos do passado e coleções de raridades, os museus contemporâneos configuram-se como espaços de interação humana e de reconhecimento mútuo, tanto individual quanto coletivo, por meio da experiência estética, artística e cultural que proporcionam (Gooding et al., 2016; Navas Iannini & Pedretti, 2022). Hallack & Lavalhegas (2017, p. 88) reforçam a importância da década de 1970 para a consolidação dos museus como espaços culturais, onde ocorre o debate transcultural e a participação ativa de diferentes comunidades. De maneira mais abrangente, os museus configuram-se como recursos valiosos para a aprendizagem escolar formal, a proporcionar um ensino contextualizado, historicamente fundamentado e aplicável em situações reais e interativas (Dupuis & Ludwig-Palit, 2016). Em 2022, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) ratificou a importância dessas instituições ao aprovar uma nova definição universal para o termo "museu":

Um museu é uma instituição permanente e sem fins lucrativos a serviço da sociedade que pesquisa, coleta, conserva, interpreta e exibe o patrimônio tangível e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Eles operam e se comunicam de forma ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas para educação, fruição, reflexão e compartilhamento de conhecimento. (International Council of Museums, 2022)

Os museus enriquecem significativamente a construção de saberes, já que possuem dinamismo, diversidade e função de preservação do património cultural. Estes espaços promovem momentos propícios à reflexão e ao intercâmbio de conhecimentos e valores inerentes à humanidade (Neves & Barbosa, 2022).

A experiência de aprendizagem em museus contribui para desenvolver, nos visitantes, a virtude da humanidade e o senso de pertencimento e de conexão histórico-social (Scheiner, 2012). Nessa perspetiva, a função primordial dos museus transcende a mera condição de depósitos de artefactos históricos, ao configurar-se como espaços de preservação da memória e da identidade humana (CMHR, 2010). Ademais, possibilitam a compreensão da trajetória interativa da humanidade com o meio ambiente, abarcando as dimensões do passado e do presente. Infere-se, portanto, que o conhecimento historicamente edificado e socializado nos museus tem o potencial de enriquecer o aprendizado escolar e valorizar os múltiplos saberes produzidos pela humanidade, abrindo caminho para reflexões aprofundadas sobre o presente, o passado e as perspetivas futuras.

Em tempos recentes, observe-se que inúmeros museus têm incorporado recursos audiovisuais contemporâneos e atividades interativas, por forma a otimizar e diversificar a comunicação entre o público e o acervo exposto. Nestes espaços, tem-se a oportunidade da aprendizagem de ética de modo interdisciplinar e transdisciplinar, para o fim de aliar o conhecimento histórico e filosófico, com interações virtuais, arte, diferentes linguagens e atividades de reflexão para jovens e adultos. Embora o Brasil conte com um número significativo de museus, inverte-se, em âmbito nacional, uma instituição museológica dedicada especificamente à ética e aos direitos humanos.

Tais espaços museológicos revestem-se de relevância ímpar para o aprendizado de ética e direitos humanos, conteúdos que demandam valorização, assimilação e aplicação prática, principalmente quando consideramos a latente desconexão entre o discurso e a ação na sociedade contemporânea, o que reforça o imobilismo e a apatia diante de problemáticas como a injustiça e o sofrimento humano (Bearzi, 2009; Bencze et al., 2019; Ricard, 2016). Adicionalmente, verifica-se uma desvalorização da dimensão ética intrínseca às ciências e de sua contextualização face às questões sociais, de tal modo que aumenta o distanciamento entre o conhecimento científico e a sua implementação na práxis social (Lacey, 2009; Zeidler, 2024). Por fim, ressalte-se a persistente prevalência de diferentes formas de corrupção e violência nos espaços sociais, malgrado os avanços tecnológicos e culturais alcançados pela humanidade (Rachels, 2010; Ricard, 2016; Zeidler, 2024).

Em face desse panorama, e com o intuito de responder à seguinte questão norteadora: “quais as contribuições de um museu canadense de direitos humanos para o ensino de ética no Brasil?”, a presente investigação, de cunho descritivo, qualitativo e interpretativo (Grix, 2018; Oliveira & Yoshimi, 2001), visa compreender de que maneira o museu canadense de direitos humanos pode auxiliar em processos de ensino

e aprendizagem de ética. Para levar a cabo esta tarefa, discutimos possibilidades de implementação, quer seja parcial, quer integral, de estratégias e técnicas pedagógicas de cunho interdisciplinar e transdisciplinar, adequadas ao contexto da realidade educacional brasileira.

2. Museus: experimentação estética, histórica, reflexiva e criativa

A curiosidade humana sobre o passado perpassa ambientes externos reconhecidos como habitados em tempos antigos, como a Garganta de Olduvai na Tanzânia, as cavernas Lascaux na França, as pirâmides do Egito e a cidade perdida dos Incas, entre outros espaços históricos que fazem incitar o imaginário humano e o interesse sobre artefactos históricos diversos, desde cerâmicas, ferramentas, vestimentas, até a criação de meios de transporte e de utensílios de vivência cotidiana dos antepassados (Renfrew & Bahn, 2018). Todavia, museus não se resumem em espaços inertes, estáticos, como depósitos de materiais antigos, ou com “a função de ‘guardar coisas velhas’” (Marandino, 2005, p. 165); ao contrário, há uma dinâmica participativa pressuposta na estruturação de um museu: o espaço convida à interação entre visitante, objetos e instalações, convite esse estendido para reflexões sobre o passado, o presente e o futuro da humanidade, por forma a incitar a percepção pragmática de conhecimentos em contextos sociais e históricos autênticos (Hite et al., 2024; Marandino et al., 2023; Porter et al., 2025). Destarte, ratifica-se a inestimável riqueza de conteúdos que transcendem a aprendizagem circunscrita aos ambientes convencionais de sala de aula, sobretudo quando consideramos as possibilidades de aplicação concreta do conhecimento assimilado durante a imersão do visitante no contexto museológico (Hite et al., 2024; Mujtaba et al., 2018; Seeger et al., 2016;).

Marandino (2005, p. 167) enfatiza a versatilidade dos museus, onde “os objetos, sejam naturais, técnicos ou artísticos, podem constituir tanto fontes de prazer estético, de deleite, quanto de observação científica”. No que se refere à relação entre museus e instituições educacionais, Marandino, com base em Van-Praet e Poucet (1989, citado em Marandino, 2005), nos lembra sobre a existência de uma cooperação secular entre as instituições museu e escola há séculos, haja vista que, outrora, museus emprestavam suas coleções as escolas, com fins didáticos, prática essa já menos utilizada nos tempos atuais. Contudo, as visitas de grupos escolares a museus persistem em diversas práticas pedagógicas. Pesquisadores, como Allard et al. (1996, citado em Marandino, 2005), postulam um paralelismo concorrente entre essas instituições, especialmente no que tange à representatividade do passado e da cultura humana:

Na escola, o objeto tem o papel de instruir e educar e o cliente cativo e estável, estruturado em função da idade ou da formação. Possui um programa que lhe é imposto e pode fazer diferentes interpretações, sendo, contudo, fiel a ele. ... No caso dos museus, o objeto encerra funções de recolher, conservar, estudar e expor. O cliente, por outro lado, é livre e passageiro, atendendo a todos os grupos de idade, sem distinção de formação, sendo suas atividades concebidas para os indivíduos ou para pequenos grupos. (Marandino, 2005, p. 167)

Essas características inerentes aos museus, como dinamismo, movimento e liberdade no espaço do museu, conferem uma certa independência e autocontrolo do visitante, que não se repete necessariamente no espaço escolar. Este tipo de ambiente é também uma oportunidade de praticar virtudes epistémicas e morais, como disciplina, concentração, respeito, planejamento, etc., de tal modo que gera um momento de autoaprendizagem. Nesta perspetiva, Marandino (2005) e Marandino et al. (2023) discutem como o ambiente museológico facilita a aprendizagem de relações socioculturais, já que a organização do espaço e dos objetos expostos é planejada e escolhida com vistas a promover um diálogo com os visitantes. Por exemplo, no trabalho de Navas Iannini e Pedretti (2022), são discutidas várias atividades da exposição “Our World”, que estabelecem um diálogo interno (com momentos para reflexão de si) e externo (com espaços para reflexão e interação, como na atividade “caixa de diálogo”).

Adicionalmente à influência da estruturação ambiental nos percursos de aprendizagem dos museus, os interesses pessoais, conhecimentos prévios e questões de natureza social, cultural, histórica e afetiva também influenciam as reflexões e a assimilação de conhecimentos pelos visitantes nesses espaços (Souza et al., 2018). Esse aspecto é coerente com o modelo de aprendizagem contextual, o qual integra dimensões

pessoais, socioculturais e físicas, com determinada autonomia para as escolhas dos visitantes, a partir de seus interesses (Falk & Dierking, 2000).

Em um panorama contemporâneo, um modelo estrutural de museu que tem alcançado notória popularidade são os museus de ciências (Figueroa & Marandino, 2013; Hallack & Lavalhegas, 2017; Marandino et al., 2023). Dupuis e Ludwig-Palit (2016), por exemplo, descrevem sobre a iniciativa do Museu da Ciência e Indústria de Chicago, nos EUA, que disponibiliza, em suas instalações, um projeto educacional com fins a estimular o interesse nas áreas de saúde, ciências e tecnologia, ao empregar uma abordagem construtivista e a aprendizagem baseada em problemas, bem como a interação em cenários simulados que fazem mimetizar a realidade. Em colaboração com parceiros externos, a direção do museu obteve acesso aos manequins iStan™ (Dupuis & Ludwig-Palit, 2016), que são simulacros de pacientes humanos capazes de apresentar reações fisiológicas, como piscar, falar e respirar, exibir batimentos cardíacos e pulsação, e fornecer respostas humanas fidedignas em procedimentos como reanimação cardiopulmonar, desfibrilação cardíaca, intubação, ventilação e cateterismo (Dupuis & Ludwig-Palit, 2016, p.91). Esses manequins, cuja disponibilidade para jovens em contexto escolar na generalidade é limitada, contribuem para o incremento das pontuações dos estudantes em avaliações de ciências, em comparação com discentes que não vivenciaram a experiência com os simulacros no ambiente museológico (Dupuis & Ludwig-Palit, 2016).

Nesse contexto, repare-se o papel dos museus de ciências como uma estratégia dinâmica e engajadora para impulsionar os processos de ensino e aprendizagem (Dupuis & Ludwig-Palit, 2016; Mujtaba et al., 2018; Navas Iannini & Pedretti, 2022). Dessa forma, amplia-se o escopo tradicional e formal do ensino circunscrito à sala de aula, a valorizar o espaço do museu de ciências para o desenvolvimento de atividades educativas relevantes para a vida dos estudantes. Ademais da imersão em simulações de situações autênticas do cotidiano, os adolescentes são estimulados a vivenciarem o protagonismo na dinâmica social, a compreenderem a relevância e a responsabilidade dos papéis sociais em comunidade, bem como a refletirem sobre a colaboração em equipe e a importância do pensamento crítico e científico no contexto da vida diária. O Museu da Ciência e Indústria de Chicago pode ser visto como um dos vários exemplos em que a atividade informal de visita a um museu pode ser transformada em momento de contribuição direta para a aprendizagem formal escolar. Em museus e galerias de ciências, o uso de tecnologia para interação pode facilmente atrair a atenção de jovens e adultos para o aprendizado. Porém, pode-se questionar se um museu de arte e história teria o mesmo efeito para o público visitante.

Nos últimos anos, em museus e galerias de arte, tem-se aumentado o uso de meios digitais e tecnológicos para a composição das instalações e exposições artísticas (Maher, 2015). Essa é a proposta do *Canadian Museum for Human Rights* (CMHR), localizado em Winnipeg, capital da província de Manitoba, região central do Canadá, que utiliza a tecnologia para aumentar as interações entre humanos e suas histórias, a atrair visitantes para um processo de aprendizagem crítica e reflexiva.

3. Materiais e métodos

Trata-se de uma investigação qualitativa, descritiva e interpretativa na qual, para alcançar o objetivo de pesquisa, realizamos uma reflexão sobre a organização, o funcionamento e as atividades do único museu de direitos humanos do Canadá, o CMHR. Destarte, a recolha de dados envolveu, inicialmente, uma pesquisa documental sobre informações no portal virtual do museu, seguida da avaliação de apontamentos técnicos e narrativas de professores-pesquisadores que visitaram o museu e, que, a partir de suas anotações, discutiram sobre os temas in loco. As perguntas que orientaram a roda de conversa foram: Qual a importância desse tipo de museu para a humanização do cidadão? Que conteúdos de ética podem ser associados às exposições permanentes do museu? Que estratégias e atividades poderiam ser implantadas no contexto brasileiro? Os dados foram discutidos e avaliados considerando a literatura sobre filosofia moral e ensino de ética, como um marco de referência.

4. Resultados e discussões

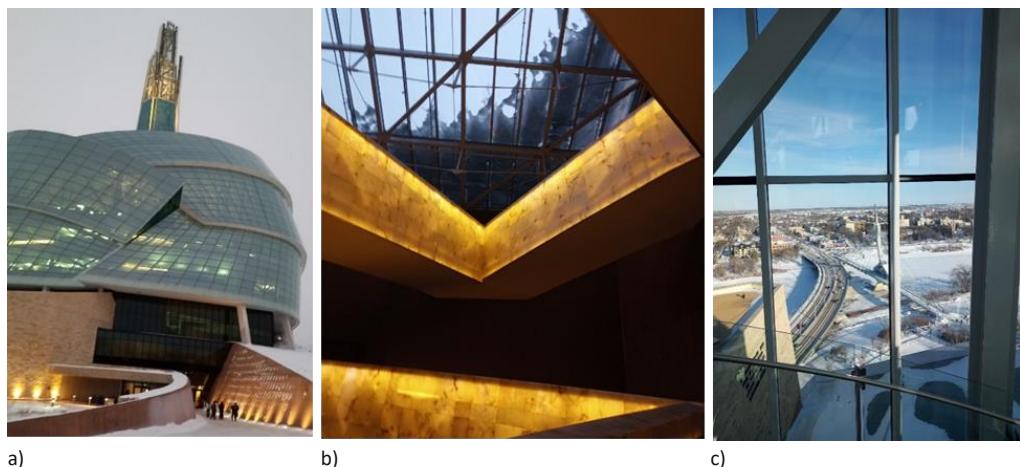
Dividimos essa seção em duas partes: na primeira, realizamos uma reflexão a partir da descrição do CMHR; na segunda, relatamos e discutimos experiências e vivências dos quatro participantes da roda de conversa, visitantes do CMHR.

4.1. Canadian Museum for Human Rights: atualização, interação, interação e aprendizado

O CMHR foi idealizado nos anos 2000 por Israel Asper e teve seu plano de construção na área histórica do *The Forks* (Sítio Histórico Nacional do Canadá), em Winnipeg, sendo iniciado em 2003, e finalizado e inaugurado em 2014 após muitas etapas e cuidados para com o planejamento estrutural-arquitetônico, para com toda a região histórica do local (com contratação de arqueólogos e escavação de mais de 400 mil artefatos ancestrais) e para com a população canadense (com consulta pública sobre a temática do museu).

O CMHR possui 6 andares com subtemas diretamente relacionados à reflexão sobre a história dos direitos humanos no mundo, além de mais 2 andares que constituem a ‘Torre da Esperança’, com vista de 360 graus do centro da cidade de Winnipeg. Cada um dos andares possui características próprias de exposições artísticas audiovisuais e tecnológicas, e todos os andares de exposição de arte sinalizam a principal abordagem escolhida pelos organizadores para discorrer sobre os direitos humanos: contar e representar, por meio de instalações artísticas, tecnológicas e interativas, histórias reais da vida de indivíduos reais que lutaram pelos direitos da vida humana. A Figura 1, a seguir, ilustra detalhes da estrutura interna e externa do CMHR.

Figura 1. Estrutura do CMHR: a) vista externa; b) corredores e andares; c) vista da Torre da Esperança



a) b) c)
Fonte: arquivo pessoal dos autores

Uma visita ao website do museu (<https://humanrights.ca/>), ou uma breve visita presencial aos primeiros andares do museu já esclarece ao visitante que o CMHR não tem a intenção de conceituar de forma direta, incisiva e determinante o significado da expressão “Direitos Humanos”. Nem tão pouco é a intenção dos organizadores do museu de apenas expor de forma académica e cronológica sobre a história da constituição documental dos Direitos Humanos. Ao invés disso, o CMHR apresenta diretamente exemplos concretos das vozes humanas que construíram a história da luta pelos direitos humanos. Por conseguinte, o museu traz, de modo contextualizado e interativo, a representação de vidas humanas de tal forma que o visitante construa e reflita a sua própria perspetiva sobre a importância dos direitos humanos na vida humana em sociedade, independente de cultura, idioma, particularidades históricas, geográficas, temporais e credo.

O CMHR se apresenta também com uma proposta interativa em cada espaço de seus andares. A quebrar totalmente a expectativa de museus tradicionais contemplativos e intocáveis, nos quais o visitante apenas contempla de modo distante e quase passivo a exposição de obras raras e valiosas, o CMHR traz dezenas de

possibilidades de interação com as instalações artísticas, a fazer com que o visitante praticamente interaja com os seres humanos que ali têm suas histórias de vida representadas. Sejam projeções que narram (em vários idiomas e com legendas) seus momentos marcantes, sejam telas interativas que trazem mapas e sínteses históricas dos factos representados nos subtemas dos andares do museu, ou ainda sejam áudios e vídeos com testemunhos, entrevistas e pequenos documentários, o CMHR fortalece sua proposta de construção reflexiva e coletiva sobre a temática dos direitos humanos, e possibilita ao visitante se entender como parte direta, ativa e integrante da história da humanidade, da história viva que aconteceu e acontece no cotidiano de cada indivíduo, a todo momento e em todo lugar.

De modo semelhante, Gooding et. al. (2016, p. 124) utilizaram a arte com alunos de cursos de saúde, para permitir que os residentes se conectassem profundamente ao seu trabalho, consigo mesmos e com seus colegas de uma maneira muito humana, utilizando a obra de arte para conectar o estudante a experiências e conteúdos difíceis de serem abordados diretamente.

4.2. CMHR: um museu para representar um espaço de luta pelos direitos

Em particular, esse museu representa um marco para o avanço dos direitos humanos em todo o mundo, dado que se trata do primeiro museu do planeta sobre o tema (CMHR, final report, p. 5). Neste ínterim, este importante local do Canadá concretiza-se como um espaço de luta e ativismo em prol do fortalecimento dos Direitos Humanos, não somente no país em que se encontra, mas em todo o mundo. Para a realização deste objetivo, o CMHR procura enfocar princípios básicos do complexo conceito de Direitos Humanos, tais como: o respeito mútuo por todos os grupos; o princípio de dignidade entre todos os seres humanos; e o princípio de igualdade de direitos para todos os indivíduos (CMHR, final report, p. 7)

Nesse contexto, percebemos claramente a associação da temática “Direitos Humanos” com a filosofia moral. Neste caso, temos o direcionamento para princípios universais humanos, característico de uma ética deontológica, juntamente com a valorização de virtudes morais, que está na base da ética das virtudes (Nunes-Neto & Conrado, 2021). Atente-se que, para defender direitos e deveres, o museu se apoia nas virtudes morais humanas, a explicitar a ética como base para a própria existência de sociedades humanas.

Para levar a cabo tal tarefa, o *modus operandi* do museu, a embasar-se no conceito de “*idea museum*” (CMHR, final report, p. 5), ganha em versatilidade e flexibilidade, dado que se constitui como um espaço de valorização e discussão de ideias e histórias, com o objetivo de enfocar o destino dos diferentes grupos sociais e as ações necessárias à sua maior resiliência e perpetuações. Assim sendo, elementos considerados mais tradicionais de museus, como obras clássicas de arte, arquivos e objetos de histórias famosas e de factos renomados, por exemplo, não são os focos deste museu.

Deste modo, se o museu preza pela consolidação de ideias e valores, consequentemente, ele é percebido como um espaço fluido, rápido e impactante. Esta característica leve e suave do museu também valoriza as ferramentas tecnológicas interativas adotadas. A presença do *high-tech*, no meio de salas amplas, corredores largos, vazios e notadamente suspensos, possibilita um ambiente ambíguo e analítico, onde o visitante consegue retornar ao contexto abstrato das ideias e dos valores. Nesse contexto, pode-se refletir sobre o próprio conceito e a prática da humanidade, sobre as necessidades humanas e não-humanas, sobre as tensões entre o coletivo e o individual e sobre os dilemas, decisões e esforços para se alcançar condições de vida mais sustentáveis, harmoniosas e justas (Cheng, 2002; Sangalli & Stefani, 2012).

Talvez a característica mais marcante do museu seja o choque do aspetto leve e fluído de seu *modus operandi* com a atmosfera marcadamente pesada e muitas vezes trágica e extremamente solene dos episódios históricos de injustiças, guerras e genocídios que marcaram o difícil caminho de consolidação deste Direitos Humanos. Esta transição constante e fluída (e quase rebelde) entre o leve e o pesado, entre o mundo das ideias e dos valores com a apreciação do concreto facto histórico, constitui-se como um paradoxo quando se visita este museu canadense, a convidar para uma análise aprofundada sobre nossos hábitos e escolhas enquanto indivíduo e sociedade.

A formação do caráter, isto é, o controle sobre as paixões e emoções é alcançado pelo exercício repetido desde a infância e ao longo de toda a vida, praticando atos morais considerados virtuosos. Para

Aristóteles, para alguém ser justo, amável, corajoso não é uma questão de instrução ou ensino formal, mas de hábito adquirido no ambiente familiar e social bem-ordenado. (Sangalli & Stefani, 2012, p.67)

Portanto, utilizar esses contrastes para refletir sobre o potencial humano de construir e destruir e de, sobretudo, escolher pela violência ou pela tolerância, pelo individualismo ou pela solidariedade, são um modo de avaliarmos nosso caráter pessoal e social, e de nos educarmos para praticar mais virtudes do que vícios, a decidir nutrir hábitos mais altruístas do que egoístas (Conrado & Nunes-Neto, 2022; Rachels, 2010; Ricard, 2016).

4.3. *O CMHR na visão de professores-pesquisadores brasileiros*

Tal como relatado nos procedimentos metodológicos do artigo, foram desenvolvidas algumas reflexões sobre o Museu dos Direitos Humanos do Canadá. Esses relatos seguem, portanto, um viés interpretativo-qualitativo de cada um dos participantes.

Para questão 1 (Qual a importância desse tipo de museu para a humanização do cidadão?), um dos visitantes, pesquisador da área das ciências humanas e da terra, relatou:

O CMHR não se constitui, somente, como um dos mais interessantes pontos turísticos da cidade de Winnipeg, mas apresenta uma forte importância simbólica para com a questão dos Direitos Humanos em todo o mundo. Como pessoa física filiado a este museu, tive a oportunidade de visitá-lo várias vezes para comprovar a importância que este possui como um local que procura resgatar a difícil, e muitas vezes discreta, história de segregação e preconceito que existia (e ainda existe hoje) em um Canadá que, muitas vezes, passa longe dos canais oficiais. O aspecto futurístico do museu, suas salas amplas, seus corredores suspensos, sua forte aparência em estilo *high-tech* interativo de suas salas, são ainda instrumentos coadjuvantes do ponto principal deste espaço, que é ser um espaço de luta e atividade para que os Direitos Humanos no mundo todo sejam respeitados, direitos estes cada vez mais ameaçados, mais cercados, mais minados e mais enfraquecidos em um mundo que teimosamente flerta, novamente, com o autoritarismo e um totalitarismo *high-tech*, a tentar imitar a década de 1930 com um viés mais tecnológico. O museu, portanto, tem uma importância ímpar em relembrar as pessoas do mundo todo sobre os erros ocorridos no passado para com o cerceamento do direito de grupos sociais específicos, o que é um dos pilares da História inclusive. Mais do que isso, o museu também relembra que direitos não são adquiridos sem uma longa estória de luta, e perdê-los significa que eles terão de ser, novamente, reconquistados.

Para a visitante e pesquisadora da área das ciências humanas, o CMHR se configura como um museu multicultural, multilingüístico e que representa a complexidade da composição do ser humano em sociedade, independente de barreiras ou distinções culturais, físicas, geográficas, temporais e linguísticas. Isso porque ele se constrói por meio das histórias de vidas humanas, e representa nessas histórias a luta pelos direitos humanos em cada região do mundo, em cada momento histórico, em cada cultura e em cada crença, na generalidade. Igualmente, a forma como o CMHR aborda a temática de direitos humanos acaba por ser paradoxalmente específica, individual e generalizante, coletiva: assim como um mosaico detalhado, cada história contada compõe uma parte representativa específica e única do que são os direitos humanos; e o mosaico final seria, metaforicamente, a ideia universal de direitos humanos para todos os seres humanos, quer isto dizer, o ideal ético sobre a vida humana em sociedade que deveria ser buscado, mantido e respeitado (Rachels, 2010). Não apenas as obras de arte, as instalações, os aparatos tecnológicos e a disposição das exibições nos andares trazem essa integração direta e viva do visitante com a temática abordada no museu, mas toda a arquitetura do CMHR parece ter sido projetada para a construção interativa experencial do visitante sobre a questão dos direitos humanos. Pode-se ter a percepção de que ainda se tem muito a refletir, melhorar, desenvolver, evoluir. Não obstante, a experiência de deixar o museu após esta trajetória pelos andares do local traz paz e esperança por vidas humanas com direitos, com respeito e amor, integridade, igualdade, equilíbrio e dignidade.

Segundo a visitante e pesquisadora da área das ciências biológicas e ambientais, a proposta inicial de aprender sobre direitos humanos nesse museu é superada quando se aprofunda sobre aspectos da ética enquanto possibilidade de se estabelecer e se manter sociedades humanas tão complexas. Em cada assunto

tratado, estimula-se uma reflexão desde um ponto de vista da escolha humana entre ser mais ou menos humanizado, entre adotar uma consideração moral mais ou menos abrangente, a incentivar reflexões sobre o poder de tomada de decisão de cada agente moral e suas consequências socioambientais. Além disso, as exposições promovem o aumento de criticidade sobre a vida em sistemas socioecológicos complexos, a valorizar e respeitar, por conseguinte, ações que consideram as condições e necessidades do outro, ao invés de apenas optar por ações que beneficiam o próprio agente moral (egoísmo ético) ou um pequeno grupo (antropocentrismo seletivo).

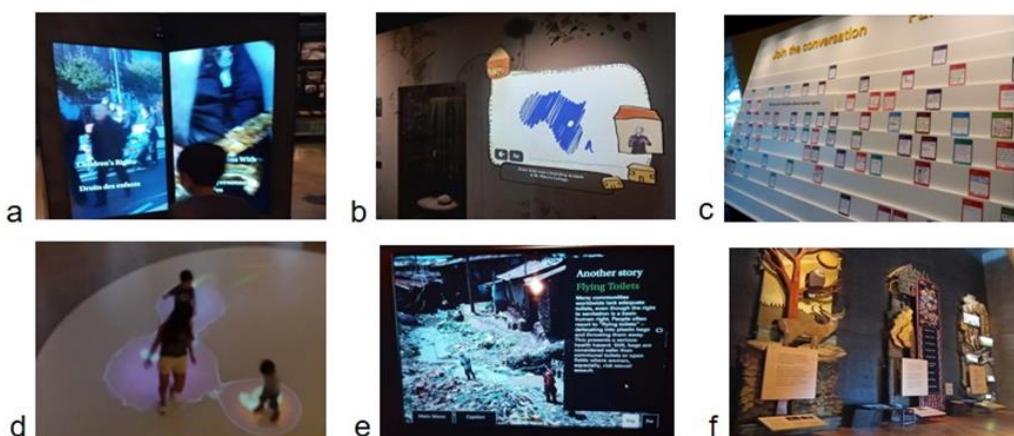
O visitante pesquisador da área de filosofia e ciências ambientais indicou que este museu permite o desenvolvimento das bases da humanização, já que apresenta elementos para o processo de conscientização individual humana sobre o papel de cada sujeito enquanto agente moral em sociedades complexas e o esforço humano, individual e coletivo, para a melhoria da convivência (Ricard, 2016).

Sobre a questão 2 (Que conteúdos de ética podem ser associados às exposições permanentes do museu?), os principais conteúdos discutidos e enfatizados na roda de conversa foram: as bases da ética antropocêntrica e não-antropocêntrica, a importância de se refletir sobre a consideração moral e as consequências de nossas ações, a diferença entre agente e paciente moral, a discussão sobre relativismo cultural e não-relativismo ético, a ética das virtudes e o cuidado com o meio ambiente e as próximas gerações, bem como a importância de se praticar o respeito à dignidade humana (o que significa não se reduzir a vida a um valor instrumental ou preço) (Nunes Neto & Conrado, 2021).

Também se comentou que as estratégias interativas, os equipamentos e tecnologias digitais contextualizam conteúdos históricos, geográficos, culturais e ambientais das exposições, sendo oportunidades para uma visão ampla e aprofundada não apenas sobre direitos e deveres humanos, mas sobretudo sobre a capacidade humana de manifestar virtudes epistêmicas e morais a favor do desenvolvimento de sociedades sustentáveis e socioambientalmente justas. Pela mesma razão, todas as reflexões sobre justiça, amizade, solidariedade e união podem contribuir para ampliar a consideração moral humana e assim efetivar mudanças na forma como agimos e tratamos outros humanos, animais não-humanos e o próprio planeta (Cheng, 2002; Rachels, 2010).

Em relação à questão 3 (Que estratégias e atividades poderiam ser implantadas no contexto brasileiro?), os participantes da roda de conversa relataram que várias estratégias e atividades poderiam ser implementadas em escolas e universidades brasileiras, a fornecer oportunidades de aprendizagem interdisciplinar e transdisciplinar de ética, e a contribuir para alcançar uma maior humanização do cidadão em sua formação. Ressalte-se, abaixo, cinco atividades e exposições do CMHR, também ilustradas na Figura 2:

Figura 2. Acervo do CMHR: a) e b) histórias de nossas raízes; c) mural de reflexões sobre ética; d) círculos de conexão; e) reciclagem e repensar sobre o consumo; f) história dos direitos indígenas



Fonte: arquivo pessoal dos autores

Histórias das nossas raízes

Essa atividade ocorre no museu em duas maneiras principais: em projeções de vídeos e cartazes nos quais os atores sociais contam suas histórias; e em uma sala pequena, em que o visitante pode contar sua história (seguindo determinadas regras), gravando vídeos. Essas são formas de se integrar diversos grupos sociais, constituindo-se como um local de reunião e de contagem de relatos e histórias, ponto importante para a consolidação de valores humanos. O facto de contar histórias a partir da voz da própria testemunha possibilita maior identificação e empatia do visitante para com o que é contado, além de haver uma interação direta entre quem conta e quem ouve, sem intermediários que poderiam sintetizar, resumir ou criar tendências ou avaliações sobre o que está sendo relatado. Citar diretamente a fonte do autor da sua própria história, reproduzir sua voz, sua entrevista, seus próprios registos históricos, seus objetos artísticos e suas lembranças, tudo isso traduz um movimento dinâmico e autêntico e, ao mesmo tempo, ético e respeitoso, a tornar a experiência do visitante uma forma de interação viva e pessoal.

Mural de reflexões sobre ética

Nessa atividade, são disponibilizados cartões e canetas para se discutir diferentes percepções sobre aspectos da filosofia moral. A parte de cima do cartão contém perguntas e há um espaço maior abaixo para se responder. Por exemplo, é perguntado: o que é respeito? altruísmo? inclusão? direitos humanos? o que te inspira? que princípios morais você valoriza? qual o sentido da vida? qual o símbolo da união? As respostas são deixadas expostas em um expositor para que todos possam ler, a fim de conectar os visitantes a partir de um mural de mensagens. Responder e deixar uma contribuição para o debate pode ser implantado nos contextos educacionais brasileiros a partir de um baixo custo.

Círculos de conexão

Nessa atividade, há um piso especial, em que cada visitante, ao tocar no solo, forma um pequeno círculo luminoso em torno dos próprios pés. Quando os visitantes se aproximam, os círculos de cada um se juntam, aumentando a área de atuação de cada visitante. Nesse sentido, pode-se valorizar e refletir a força da coletividade, bem como as interdependências entre seres vivos. Essa atividade poderia ser adaptada para contextos em que não se tem essa tecnologia: por exemplo, cada pessoa carregar um pedaço de barbante e, quando se une a outra pessoa, unem-se os barbantes, aumentando o círculo, e criando percepções de conexão e correspondências entre os participantes.

Reciclagem e Repensar sobre o consumo

Nessa atividade foram expostos materiais descartados, com telas (*tablets*) indicando a história desses materiais, com origens e consequências para o agravamento dos problemas socioambientais. Ademais, foram indicadas informações que conectam as escolhas individuais humanas, como o acúmulo de resíduos, a contaminação e questões para refletir não somente sobre os problemas ambientais, mas também problemas emocionais, de comunicação e até manipulação social, relacionadas ao consumismo. Consequentemente, permite-se discutir sobre valores de bens materiais, acesso desigual, obsolescência programada, impactos e custos socioambientais do consumismo.

História dos direitos indígenas

Há várias exposições tecnológicas e artísticas com a reconstrução de artefactos culturais dos povos originários no contexto da valorização da conexão humana com o meio natural. A partir das histórias dos povos tradicionais, discute-se o direito à vida e à dignidade de todo e cada ser vivo, bem como sobre quais ações podem viabilizar a coexistência harmoniosa entre estes no planeta.

Por fim, as estratégias interativas das exposições são oportunidades para uma visão ampla e aprofundada sobre não apenas direitos e deveres humanos, mas principalmente sobre a capacidade humana de manifestar virtudes epistêmicas e morais a favor do desenvolvimento de sociedades sustentáveis e socioambientalmente justas.

5. Considerações finais

Por suas várias características estruturais, temáticas e interativas, o CMHR fornece condições para uma reflexão sobre a natureza humana contingente, e de como esta natureza pode ser mais justa, sustentável e inclusiva, a considerar os seres humanos em sua diversidade, igualdade, identidade, individualidade e coletividade. Finalmente, constate-se que, em espaços como o museu analisado, várias estratégias e atividades poderiam ser implementadas em escolas e universidades, a fornecer oportunidades de aprendizagem interdisciplinar e transdisciplinar de ética, e a contribuir para alcançar uma maior humanização do cidadão em sua formação.

Ressalte-se que o CMHR está a cumprir com o seu papel central de protetor e de perpetuador da memória das lutas que envolvem os Direitos Humanos. A presença de recursos tecnológicos em sua composição constrói uma ponte metafórica entre passado, presente e futuro, a chamar a atenção de diferentes gerações humanas, e a possibilitar reflexões amplas e complexas sobre os temas específicos dos Direitos Humanos no cenário global.

Para o contexto brasileiro, muitas dessas estratégias poderão ser aproveitadas, tanto em espaços não formais como museus, mas também nos espaços educacionais formais, como em exposições em escolas, atividades de tomada de decisão com base em aspectos históricos; assunção de papéis sociais em contextos específicos e discussões sobre tomada de decisão, ação e consideração moral dos envolvidos em problemas socioambientais contemporâneos. Estas são oportunidades para refletir e discutir sobre valores, interesses e necessidades dos humanos que constituem as sociedades e de todos aqueles que convivem no planeta, bem como sobre a capacidade humana de ser solidário e esforçar-se para superar o egoísmo ético e transformar as condições de vida em direção à maior sustentabilidade socioambiental.

Possibilitar a interação dos estudantes em atividades práticas com ambientes simulados próximos de situações cotidianas da vivência contemporânea, a considerar a complexidade de temas voltados à ética e aos Direitos Humanos, por exemplo, seria de grande importância para a aprendizagem efetiva dos jovens em direção à formação cidadã e à conscientização socioambiental. Por fim, conteúdos de ética poderão ser também relacionados à aprendizagem sobre relações étnico-raciais, valores, respeito, convívio social, bem como sobre preservação da memória e da história, e ainda sobre práticas sustentáveis de populações tradicionais.

Agradecimentos

Agradecemos ao INCT IN-TREE (CNPq), ao PPGECMat (UFGD) e à FUNDECT MS.

Referências

- Canadian Museum for Human Rights. (2010). *Content Advisory Committee final report to the Canadian Museum for Human Rights*. [electronic resource]. <https://www.uwinnipeg.ca/crcs/docs/CMHR-Content-Advisory-Committee-Final-Report-.pdf>
- Cheng, C.-Y. (2002). Integrating the onto-ethics of virtues (east) and the meta-ethics of rights (west). *Dao: a journal of comparative philosophy*, 1(2), 157-184.
- Bearzi, G. (2009). When swordfish conservation biologists eat swordfish. *Conservation biology*, 23(1), 1-2. <https://doi.org/10.1111/j.1523-1739.2008.01142.x>
- Bencze, L., Halwany, S. E., Milanovic, M., Qureshi, N., & Zouda, M. (2019). Roadblocks to critical and active civic engagement in/through school science: stories from the field. *Educação e Fronteiras*, 9(25), 47-70. <https://doi.org/10.30612/eduf.v9i25.11010>
- Conrado, D. M., & Nunes-Neto, N. (2022). A construção de si e do outro em uma rede colaborativa: experiências nas interações entre professores e estudantes no contexto da pesquisa educacional. In A. A. Pagan, & E. J. Wartha. (Orgs.). *Encontros, influências e inspirações na formação de professores-pesquisadores de Ciências* (pp. 71-84). Navegando.
- Dupuis, J., & Ludwig-Palit, D. (2016). Simulation for authentic learning in informal education. *The Journal of Museum Education*, 41(2), 91-99. <https://www.jstor.org/stable/26157777>

- Falk, J. H., & Dierking, L. D. (2000). *Learning from museums: Visitor experiences and the making of meaning*. Altamira Press.
- Figueroa, A. M. S., & Marandino, M. (2013). *Os modelos pedagógicos na aprendizagem em museus de ciências*. [Comunicação oral]. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Águas de Lindóia, SP. https://abrapec.com/atas_enpec/ixenpec/atas/resumos/R0994-1.pdf
- Gooding, H. C., Quinn, M., Martin, B., Charrow, A., & Katz, J. T. (2016). Fostering humanism in medicine through Art and reflection. *The Journal of Museum Education*, 41(2), 123-130. <https://www.jstor.org/stable/26157781>
- Grix, J. (2018). *The foundations of research* (3^a ed.). Bloomsbury Publishing.
- Hallack, M. L., & Lavalhegas, M. C. (2017). Discurso científico: Um estudo de caso do Museu Catavento Cultural no Município de São Paulo. *Sensos-e*, 4(1), 88–97. <https://doi.org/10.34630/sensos-e.v4i1.2238>
- Hite, R. L., Childers, G. M., & Hoffman, J. (2024). Cultural-historical activity theory as an integrative model of socioscientific issue based learning in museums using extended reality technologies. *International Journal of Science Education*, Part B, 15(1), 79–94. <https://doi.org/10.1080/21548455.2024.2324854>
- International Council of Museums. (2022). *Definition: Museum*. <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>
- Lacey, H. (2009). O lugar da ciência no mundo dos valores e da experiência humana. *Scientiae Studia*, 7(4), 681–701. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000400010>
- Maher, D. (2015). Connecting classroom and museum learning with mobile devices. *The Journal of Museum Education*, 40(3), 257-267. <https://www.jstor.org/stable/26157754>
- Marandino, M. (2005). Museus de ciências como espaços de educação. In B. G. Figueiredo, & D. G. Vidal. *Museus: dos gabinetes de curiosidades à Museologia moderna* (pp. 165-176). Argumentum.
- Marandino, M., Pedretti, E., & Navas Iannini, A. M. N. (2023). Representing biodiversity in science museums: perspectives from an STSE lens. *International Journal of Science Education*, Part B, 13(4), 362–380. <https://doi.org/10.1080/21548455.2023.2179381>
- Mujtaba, T., Lawrence, M., Oliver, M., & Reiss, M. J. (2018). Learning and engagement through natural history museums. *Studies in Science Education*, 54(1), 41–67. <https://doi.org/10.1080/03057267.2018.1442820>
- Navas Iannini, A. M., & Pedretti, E. (2022). Museum staff perspectives about a sustainability exhibition: what do they tell us about scientific literacy? *International Journal of Science Education*, Part B, 12(1), 1–21. <https://doi.org/10.1080/21548455.2021.2015638>
- Neves, J. M., & Barbosa, R. (2022). A educação em museus: Caminhos e cenários de mediação cultural. *Sensos-e*, 9(1), 66–75. <https://doi.org/10.34630/sensose.v9i1.4331>
- Nunes-Neto, N., & Conrado, D. M. (2021). Ensinando ética. *Educação em revista*, 37, 1–28. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-469824578>
- Oliveira, S. M. A., & Yoshimi, O. T. (2001). Interacionismo interpretativo: uma nova perspectiva teórica para as pesquisas qualitativas. *Ensaio e ciência*, 5(3), 55-72. <https://www.redalyc.org/pdf/260/26050304.pdf>
- Porter, S. C., Phillips, M., Stallings, S., & Worsley, T. (2025). Exploring how museums can support science teacher leaders as boundary spanners. *Science Education*, 109(1), 106-127. <https://doi.org/10.1002/sce.21906>
- Rachels, J. (2010). *Problemas da filosofia* (2^a ed.). Gradiva.
- Renfrew, C., & Bahn, P. (2018). *Archaeology essentials: theories, methods, practice* (4^a ed.). Thames & Hudson.
- Ricard, M. (2016). *En defensa del altruismo*. Urano.
- Sangalli, I. J., & Stefani, J. (2012). Noções introdutórias sobre a ética das virtudes Aristotélica. *Conjectura: filosofia e educação*, 17(3), 49-68. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4085139&orden=368923&info=link>
- Scheiner, T. C. (2012). Repensando o museu integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 7(1), 15–30. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222012000100003>
- Seeger, V., Wall, T. J., & Herr, L. J. (2016). Museum trunks: Making an impact on future teachers of social studies. *The Journal of Museum Education*, 41(2), 131-140. <https://www-jstor-org.uwinnipeg.idm.oclc.org/stable/26157782>

Souza, V., Bonifácio, V., & Rodrigues, A. V. (2018). *A avaliação da aprendizagem em Museus de Ciências: uma revisão sistemática da literatura*. [Comunicação oral]. XVII Encontro Nacional de Educação em Ciências, Viana do Castelo, Portugal. <https://ria.ua.pt/handle/10773/26519>

Zeidler, D. L. (2024). Moral inquiry in the practice of socio-scientific issues. In D. L. Zeidler (ed.) *A moral inquiry into epistemic insights in science education. Contemporary trends and issues in science education*, 61. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-031-63382-9_5